

**No palco, Chico Buarque e Mônica Salmaso fazem
a gente acreditar que o Brasil pode dar certo**



Um dia desses, não faz muito tempo, ouvi de Caetano Veloso que há coisas e há pessoas que fazem a gente acreditar que o Brasil pode dar certo. Conversávamos sobre a gravação que Caetano fez de **Nanã**, sobre seu autor, Moacir Santos, sobre o maestro Letieres Leite, que a Covid levou. Lembrei muito dessa conversa nesta terça-feira (06), vendo Chico Buarque e Mônica Salmaso (Foto/Leo Aversa/Divulgação) no palco do Teatro Pedra do Reino, em João Pessoa, por onde começou **Que Tal um Samba?**, a nova turnê de Chico.

Quatro anos depois de **Caravanas**, Chico Buarque volta aos palcos, tendo Mônica Salmaso como convidada muito especial. O set list era guardado em segredo. Com a minha bola de cristal, fiquei pensando nas gravações em que Chico juntou sua voz a vozes femininas. **Noite dos Mascarados** (com Jane), **Sem Fantasia** (com Cristina, depois com Maria Bethânia), **João e Maria** (com Nara Leão), **Maninha** (com Miúcha), **Biscate** (com Gal Costa), **Imagina** (com a própria Mônica Salmaso).

Estão todas lá. Lindas. Comoventes. Arrebatadoras. Dos remotos anos 1960 – **Sem Fantasia**, **Noite dos Mascarados** – até os anos 2000 (**Imagina**). **Sem Fantasia** veio na primeira parte do show. A voz da mulher. A voz do homem. As duas vozes no final. **Noite dos Mascarados** ficou para o bis. Uma marchinha carnavalesca. As duas, fortemente evocativas de um tempo em que Chico, um jovem de vinte e poucos anos, surgiu para fazer parte do grupo dos nossos melhores compositores populares.

Maninha traz a lembrança de Miúcha, irmã de Chico que não está mais entre nós. Ela e ele gravaram num dos dois discos que Antônio Carlos Jobim fez com Miúcha. Na Paraíba, mais do que em qualquer outro lugar, **João e Maria** remete a Sivuca, que, em 1947, compôs a melodia dessa valsa que só ganharia a letra de Chico 30 anos mais tarde. **Imagina**, primeira música composta por Tom Jobim, não poderia ficar de fora. Afinal, foi com Mônica que Chico fez a gravação para o álbum **Carioca**, lançado em 2006.

Tom Jobim é lembrado em três momentos do show. Primeiro, quando Mônica recebe Chico no palco, enquanto canta **Paratodos**. Foi nessa música que Chico chamou Tom, um dos seus mestres, de Maestro Soberano. Depois, em **Imagina**. Por último, em **Sabiá**, melodia de Jobim, letra de Chico. **Sabiá**, a lindíssima canção de exílio que foi vaiada, em 1968, pelo público do FIC. O público preferiu o imediatismo dos versos de Geraldo Vandré em **Caminhando**. O momento político exigiu que fosse assim.

Quem abre o show é Mônica Salmaso. Faz seis números antes da entrada de Chico. **Todos Juntos**, dos **Saltimbancos**, é a primeira música. Traz logo uma mensagem para esse tempo estranho em que estamos vivendo: “Todos juntos somos fortes/Não há nada pra temer”. Há outras mensagens que vão costurando o programa: a ameaça do homem na letra de **Passaredo** e a notícia positiva na letra de **Bom Tempo**. Há **Mar e Lua**, uma joia pouco lembrada, e esse primor que é **Beatriz**, da parceria de Chico com Edu Lobo.

Na primeira sequência em que Chico Buarque e Mônica Salmaso ficam juntos no palco, temos **O Velho Francisco**, da década de 1980, e **Sinhá** (parceria com João Bosco), que, com pouco mais de 10 anos, já é um clássico. Sozinho, Chico resgata **Desalento** (do álbum **Construção**) e **Sob Medida**, que Simone gravou há mais de 40 anos. **Nina**, **Blues Pra Bia** e **Tipo um Baião** ainda são bem recentes. **Injuriado** e **Uma Canção Desnaturada** (da **Ópera do Malandro**) trazem Mônica de volta ao palco.

Morro Dois Irmãos e **Futuros Amantes** falam do Rio de Janeiro. **Assentamento**, da questão agrária. **O Meu Guri** e **As Caravanas**, das nossas desigualdades, do nosso apartheid. É quando o show se encaminha para o final com **Que Tal um Samba?**, lançada já em 2022 num single. Chico e Mônica revisitam um pouco do **Samba da Benção**, de Baden Powell e Vinícius de Moraes, e do **Samba da Minha Terra**, de Dorival Caymmi. É o desfecho perfeito, antes da volta para o bis.

Chico e Mônica estão irretocáveis no palco. Ele, com a sua costureira contenção. Ela, com uma alegria esfuziante. Um imenso compositor e uma grande cantora. Ele, a admirar a beleza da voz. Ela, embevecida com a força extraordinária das canções. Pessoas que fazem a gente acreditar que o Brasil pode dar certo – como na conversa com Caetano que mencionei no início do texto. Depois do show, um amigo me disse: há o sorriso e a gargalhada. O sorriso é mais elegante. Precisamos de alegria e crença no futuro. Chico e Mônica fazem isso com muita elegância.

Chico Buarque e Mônica Salmaso se despedem do público paraibano nesta quarta-feira (07) com mais um show, às nove da noite, no Teatro Pedra do Reino.

Confira o repertório com 33 músicas que foi apresentado no show desta terça-feira (06):

MÔNICA SALMASO

Todos Juntos

Mar e Lua

Passaredo

Bom Tempo

Beatriz

Paratodos

CHICO BUARQUE E MÔNICA SALMASO

O Velho Francisco

Sinhá

Sem Fantasia

Biscate

Imagina

CHICO BUARQUE

Choro Bandido

Desalento

Sob Medida

Nina

Blues Pra Bia

Samba do Grande Amor

Injuriado – com Mônica

Tipo um Baião

As Minhas Meninas

Uma Canção Desnaturada – com Mônica

Morro Dois Irmãos

Futuros Amantes

Assentamento

Bancarrota Blues

Tua Cantiga

Sabiá

O Meu Guri

As Caravanas – com citação de Deus Ihe Pague

Que Tal um Samba? – com Mônica

BIS

Maninha

Noite dos Mascarados

João e Maria

<https://jornaldaparaiba.com.br/cultura/silvio-osias/2022/09/07/no-palco-chico-buarque-e-monica-salmaso-fazem-a-gente-acreditar-que-o-brasil-pode-dar-certo>